

Para que serve tudo isso?



Para que serve tudo isso?

*A filosofia e o sentido da vida,
de Platão a Monty Python*

Julian Baggini



Tradução:
Cristiano Botafogo



ZAHAR

Jorge Zahar Editor

Rio de Janeiro

Título original:
What's It All About?
(*Philosophy and the Meaning of Life*)

Tradução autorizada da edição inglesa
publicada em 2005 por Granta Books, de Londres, Inglaterra

Copyright © 2004, Julian Baggini
Julian Baggini asserts the moral right to be identified as the author of this Work.

Copyright da edição brasileira © 2008:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua México 31 sobreloja
20031-144 Rio de Janeiro, RJ
tel.: (21) 2108-0808 / fax: (21) 2108-0800
e-mail: jze@zahar.com.br
site: www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.
A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Capa: Dupla Design
Ilustração da capa: © John-Francis Bourke/Zefa/Corbis

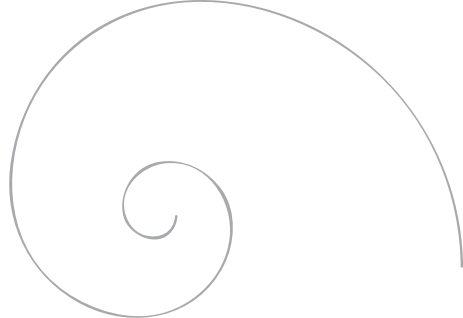
CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

B133p Baggini, Julian, 1968-
Para que serve tudo isso?: a filosofia e o sentido da vida, de Pla-
tão a Monty Python / Julian Baggini; tradução Cristiano Botafogo.
— Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

Tradução de: *What's it all about?: (philosophy and the meaning
of life)*

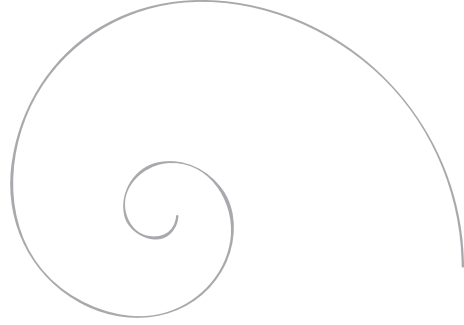
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-378-0058-4

1. Filosofia. 2. Significado (Filosofia). 3. Vida. I. Título. II. Título:
A filosofia e o sentido da vida, de Platão a Monty Python.



Sumário

	Introdução	7
I	Procurando o manual de instruções	11
2	Viver para frente	29
3	Mais coisas entre o céu e a terra	45
4	Conte comigo	63
5	O bem maior	77
6	Contanto que você esteja feliz	93
7	Lutar pelo sucesso	109
8	<i>Carpe diem</i>	129
9	Liberte-se	147
10	O perigo da falta de sentido	165
11	Que a própria razão desconhece	181
	Conclusão	193
	Referências e sugestões de leitura	197
	Agradecimentos	207
	Índice remissivo	209



Introdução

“Você é o T.S. Eliot”, disse o taxista ao famoso poeta quando Eliot entrou em seu táxi. Eliot, então, perguntou a ele como sabia. “Ah! Eu sempre reconheço as celebridades”, respondeu o taxista. “Um tempo atrás, eu peguei o Bertrand Russell, e disse para ele: ‘E aí, lorde Russell, qual o sentido da vida?’ E, sabe o quê? Ele não sabia.”

Quem está sendo zombado nessa história? Lorde Russell, o grande filósofo, que, apesar de toda a sua presumível inteligência e sabedoria, não soube responder ao taxista? Se alguém é capaz de nos dizer qual é “o sentido da vida”, esse alguém deveria ser Bertrand Russell, o maior filósofo vivo do mundo, certo? Ou seria o taxista, que esperava ouvir a solução de um problema tão profundo em um curto percurso? Mesmo que Russell soubesse a resposta, explicar os segredos do universo demandaria tempo e paciência.

Talvez o melhor a dizer seja que nenhum dos dois merece ser zombado. Russell certamente não, pois se fosse possível responder a essa pergunta de forma adequada em dez minutos, alguém já a teria feito e o taxista não precisaria perguntar. Também não deveríamos zombar do taxista por não saber disso. Sua pergunta é uma que todos se fazem em algum ponto da vida.

O problema é que a pergunta é vaga, inespecífica e obscura. Não é bem uma só pergunta, mas o ponto central de uma série de questões: por que estamos aqui? Para que serve a vida? Ser feliz é suficiente? Minha vida serve a um propósito maior? Estamos aqui para ajudar os outros ou somente a nós mesmos?

Qual o sentido da vida?

Para responder a essas perguntas, temos que realizar uma investigação racional e secular. E com “secular” não quero dizer “atéia”. Quero apenas dizer que nossa argumentação não deve partir de nenhuma verdade supostamente revelada, de doutrinas religiosas ou textos sagrados. Em vez disso, ela deve recorrer a razões, evidências e linhas de pensamento que possam ser compreendidas por todos, sejam pessoas de fé ou não. Isso porque, mesmo para muitos fiéis, a autoridade das religiões não pode ser vista como absoluta. Conhecendo a grande diversidade de religiões no mundo, entendendo as forças e os acontecimentos históricos que moldaram suas doutrinas e textos sagrados e percebendo a falibilidade dos seus líderes, a idéia de que elas nos fornecem acesso direto a verdades absolutas perde credibilidade. A mão humana está claramente presente ali, seja por inspiração divina ou não. Isso significa que, mesmo que tenhamos fé, não podemos aceitar os ensinamentos religiosos sem questioná-los. Precisamos usar nossa inteligência para determinar por nós mesmos se as respostas que eles nos dão fazem ou não sentido. E como em algum momento da vida sempre acabamos nos perguntando “qual o sentido da vida?”, não dá pra ficar postergando esse filosofar para sempre.

O assunto, às vezes, é tão complicado e profundo que a tentativa de escrever um livro sobre o tema já pode ser considerada arrogante. Eu até poderia ser acusado se estivesse afirmando que o “sentido da vida” é um segredo que somente alguns poucos podem descobrir através da contemplação, de uma revelação ou de uma vida inteira de investigação intelectual. Esse tipo de promessa subentende que o sentido da vida é um enigma que, após desvendado, revela todos os mistérios e explica todas as coisas. E, como a grande maioria de nós não conhece esse segredo, é preciso ser realmente muito sábio para tê-lo descoberto.

Eu acho essa idéia uma palhaçada e espero que a maioria dos leitores concorde comigo. Se realmente existisse um grande

segredo, já estaria correndo algum boato. O problema do sentido da vida não é a falta de acesso a uma informação secreta que nos faria compreendê-lo. Não é uma questão que se possa resolver a partir da descoberta de uma nova informação, mas sim pensando-se nas questões sobre as quais não possuímos muitas evidências. Grande parte do que vem a seguir, espero, demonstrará isso.

Sendo assim, eu diria que a explicação do sentido da vida presente nesse livro é “deflacionária”, pois reduz a busca mítica e misteriosa por um único “sentido da vida” a uma série de questões menores e pouco misteriosas a respeito dos vários sentidos da vida. Dessa forma, o livro apresenta a questão como, ao mesmo tempo, algo menor e maior do que normalmente é considerada. Menor porque não é um grande mistério inatingível para a maioria de nós; e maior porque não gera uma só pergunta, mas muitas.

Essas perguntas podem ser respondidas – não por eu ser um grande sábio, mas pelo simples fato de estar aqui reunindo a sabedoria dos grandes filósofos do passado. Ao selecionar e apresentar suas idéias, contudo, necessariamente estou também mostrando uma visão particular, e não uma pesquisa imparcial sobre o que disseram a respeito do tema. Este livro é um relato pessoal, mas espero que a maioria dos filósofos concorde com ele.

Quem quiser embarcar na busca pelo sentido da vida deveria prestar atenção ao alerta feito por Douglas Adams no livro *O guia do mochileiro das galáxias*. Nessa história, uma raça de seres se cansa de brigar por causa do problema e decide construir um supercomputador para obter uma resposta. O “Pensador Profundo”, como ficou conhecido, demora sete milhões e meio de anos para responder a questão sobre “a vida, o universo e tudo”. No dia de anunciar a resposta, com “majestade e calma infinitas”, o Pensador Profundo finalmente deu o seu veredicto: “Quarenta e dois.”

O problema é que os engenheiros que construíram o computador pediram uma resposta para “a questão da vida, do universo e de tudo”, sem nem ao menos se questionar se eles mesmos sabiam o que ela significava. Agora eles tinham a resposta, mas não a compreendiam porque não sabiam a que questão ela estava direcionada. Fazer as perguntas certas é tão importante quanto responder corretamente.

Nunca vai haver uma explicação definitiva para o sentido da vida, em parte porque todo indivíduo tem que ficar satisfeito tanto com as perguntas quanto com as respostas. A busca pelo sentido da vida é essencialmente pessoal. Este livro não poderá dar aos leitores um mapa mostrando exatamente onde ela terminará – se é que isso um dia vai acontecer. Mas pode lhes fornecer algumas ferramentas que auxiliarão na procura. Como serão utilizadas, e se serão úteis ou não, é o leitor que deve determinar.